

MINHA HISTÓRIA, A HISTÓRIA DOS MEUS ESTUDANTES: O PROEJA UNINDO TRAJETÓRIAS

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli¹
Fernanda Maria Chianca da Silva²

Resumo:

Este trabalho apresenta um resgate da minha trajetória de vida acadêmica e profissional. O gênero discursivo memorial de formação foi adotado para o trabalho de conclusão do curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA, visando, a partir da narrativa autobiográfica da trajetória de formação, analisar o impacto do curso na minha atuação como docente e gestora do Programa de Educação de Jovens e Adultos. Além de permitir dar um novo significado para a minha prática docente e como gestora, o trabalho contribuiu para impactar a formação dos meus estudantes, para minha formação como escritora, além de significar um desafio pessoal. O trabalho está estruturado em quatro capítulos: introdução; relato autobiográfico; reflexões sobre a formação e relato da minha experiência profissional na educação de jovens e adultos no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS, Campus Caxias do Sul e considerações finais.

Palavras-chave:

EJA. PROEJA. Formação docente. Memorial.

MI HISTORIA, LA HISTORIA DE MIS ALUMNOS: PROEJA UNIENDO TRAYECTORIAS

Resumen:

Este artículo presenta un rescate de mi trayectoria académica y profesional. El género discursivo memorial de formación fue adoptado para completar el curso de especialización en prácticas asertivas en didáctica y gestión de la educación profesional integrada con la educación de jóvenes y adultos - EJA/PROEJA con el objetivo, desde la narrativa autobiográfica de la trayectoria de formación, analizar el impacto del curso en mi actuación como profesor y ger. Además de permitirme dar un nuevo significado a mi práctica docente y como gerente, el trabajo contribuirá a influir en la formación de mis estudiantes, a mi formación como escritor, además de significar un reto personal. El trabajo está estructurado en cuatro capítulos: introducción; informe autobiográfico; reflexiones sobre la formación e informe de mi experiencia profesional en la educación de jóvenes y adultos en el Instituto Federal de Rio Grande do Sul - NIIF, Campus Caxias do Sul y consideraciones finales.

Palabras clave:

EJA. PROEJA. Formación de profesores. Memorial.

¹Mestrado em Administração. Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. E-mail: maria.pizzoli@caxias.ifrs.edu.br

²Doutorado em Gerontologia Biomédica. Universidade Federal da Paraíba - Escola Técnica de Saúde. E-mail: fernanda.silva@academico.ufpb.br (orientadora).

MY STORY, THE STORY OF MY STUDENTS: PROEJA UNITING TRAJECTORIES

Abstract:

This paper presents a rescue of my academic and professional life trajectory. The memorial discursive genre of training was adopted for the completion of the Specialization course in Assertive Practices in Didactics and Management of Professional Education Integrated with Youth and Adult Education - EJA/PROEJA, aiming, from the autobiographical narrative of the training trajectory, to analyze the impact of the course on my performance as a teacher and manager of the Youth and Adult Education Program. In addition to allowing me to give a new meaning to my teaching practice and as a manager, the work will contribute to impacting the training of my students, to my training as a writer, in addition to meaning a personal challenge. The work is structured in four chapters: introduction; autobiographical report; reflections on the training and reporting of my professional experience in on the training and reporting of my professional experience in youth and adult education at the Federal Institute of Rio Gande do Sul - IFRS, Campus Caxias do Sul and final considerations.

Key words:

EJA. PROEJA. Teacher training. Memorial.

Introdução

Este trabalho, desenvolvido no gênero de memorial de formação, conclui a minha formação no curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA, realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Natal Zona Leste, Pólo Restinga, em Porto Alegre, durante os anos de 2019 e 2020.

O curso foi desenvolvido para docentes e gestores na perspectiva de uma formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional (presencial e a distância) articulada à EJA, nas redes federal, estadual e municipal, por meio da formação continuada de gestores, professores, tutores da EaD e técnicos educacionais, objetivando, contribuir com a formação dos professores a distância visando dar um novo foco ao ambiente de aprendizagem virtual nas redes federal, estadual e municipal. Dessa forma, o curso tem uma abordagem prioritariamente virtual, uma vez que envolve professores estudantes em sua própria formação continuada na modalidade de EaD, de modo a levá-los a refletir sobre as contribuições das tecnologias educacionais da informação e comunicação à sua prática pedagógica (BRASIL, 2018).

O curso apresentou a possibilidade de dois itinerários formativos: didática e gestão. O itinerário por mim realizado foi o da ênfase em gestão, integralizando 480 horas de formação, distribuídas em quatro módulos, na modalidade de Ensino a Distância (EAD),

durante todo o curso, foi fundamental o apoio dos professores formadores e professores tutores.

Todavia, duas razões me levaram à escolha do itinerário de gestão: primeiro, o fato de atuar como coordenadora do curso Técnico em Administração, modalidade PROEJA e, segundo, estar cursando Especialização em docência do ensino técnico, curso que abrange os aspectos didáticos da formação docente.

O gênero discursivo memorial de formação, escolhido para o trabalho de conclusão do curso, materializa-se como “[...] um texto acadêmico autobiográfico, no qual seu autor analisa de forma crítica e reflexiva sua formação intelectual e profissional, explicitando o papel que as pessoas, fatos e acontecimentos mencionados exerceram sobre si” (PASSEGGI, 2010, n.p.).

O objetivo deste trabalho foi realizar uma narrativa autobiográfica da trajetória de formação, analisando o impacto do curso na minha atuação como docente e gestora do Programa de Educação de Jovens e Adultos. Um memorial de formação é um gênero discursivo em que a formação profissional dos sujeitos é por eles exposta “[...] entremeada com as vivências e experiências da vida cotidiana, possibilitando assim a ressignificação da prática em sala de aula.” (SOUZA; DOURADO, 2014, p. 38).

Justifica-se, então, a elaboração deste memorial de formação, à medida que permitirá dar um novo significado para a minha prática docente e como gestora, o que poderá impactar a formação dos meus estudantes. Para além da minha atuação docente e como gestora de curso, sendo essa a minha primeira experiência neste gênero discursivo, ganha relevância também em minha formação como escritora, além de significar um desafio pessoal.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos: introdução; relato autobiográfico; reflexões sobre a formação e relato da minha experiência profissional na educação de jovens e adultos no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS, Campus Caxias do Sul e por fim minhas conclusões acerca das contribuições da formação na minha vida pessoal e profissional, bem como as expectativas quanto à minha atuação no Programa de Educação de Jovens e Adultos.

Material e métodos

O estudo em tela consiste num estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência, através de um Memorial de Formação, que de acordo com Souza e Dourado, 2014, p.45, o Memorial de Formação, “consiste num gênero do discurso secundário ou complexo, pois ele é produzido e utilizado em situações mais formais, mais complexas e mais elaboradas, isto é, a esfera de circulação é acadêmica”.

Este tipo de pesquisa busca registrar vivências, experiências e reflexões, com o propósito de difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano. Importante instrumento optado para o registro do meu percurso acadêmico e profissional, produzido enquanto cursista do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Campus Leste, curso este iniciado em maio de 2019, com finalização em agosto de 2020.

De menina à administradora, e então professora

Sou gaúcha, vivo em Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, cidade onde nasci e cresci, venho de uma família simples: pai operário, mãe dona de casa e também costureira. Sou a última de cinco filhos, dois homens e três mulheres, sendo gêmea, meu pai era semianalfabeto, um operário que vivia uma típica situação “pai rico, filho nobre, neto pobre” e ele, no caso, foi o neto pobre. Fazia os sacrifícios necessários para que cada um dos cinco filhos pudesse estudar, valorizava muito o estudo, queria que os filhos tivessem a chance que ele não teve, dizia que sempre há alternativas para quem tem estudo.

Meu pai trazia consigo uma tristeza por não ter tido a oportunidade de estudar, era um homem moderno para sua época, nasceu em 1923, tinha já 47 anos quando nasci, incentivava as filhas, antes mesmo de pensar em namorar e casar, a terminar os estudos. O meu pai foi o meu maior influenciador aos estudos.

Minha mãe estudou até a quarta série e foi professora na escola do interior, lembro que na nossa casa não tínhamos livros de histórias, então ao colocar eu e minha irmã gêmea para dormir, ela, como católica praticante, nos contava as histórias da Bíblia, de Nossa Senhora e dos Santos. Também era ela quem nos auxiliava nos deveres de casa, além dos nossos irmãos

mais velhos. Foi a pessoa mais pacienciosa que conheci, a mais “prendada” e também dona de uma fé incondicional, dizia que tudo se deve fazer com paciência e amor, conselho de que muitas vezes me lembro em sala de aula.

Sempre gostei de estudar, fui uma aluna dedicada, sem apresentar maiores dificuldades de aprendizado, não consigo imaginar a minha vida sem estudar. Para mim, estudar é “me por a caminho, sempre”. Trabalho e estudo são aspectos estruturantes na minha vida, acredito que, de fato, o maior legado que os pais podem deixar aos filhos é a educação e, por ela, passa a escola.

O sacrifício dos meus pais para que pudéssemos estudar, envolveu o pagamento de escola particular que, na época (1976 a 1983) oferecia a melhor formação, uma vez que o ensino público enfrentava dificuldades. Estudei no Colégio São Carlos, em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Comecei a trabalhar fora muito cedo, as treze anos, ao concluir a oitava série, decidi que queria trabalhar para pagar meus estudos e poder continuar a estudar na mesma escola e cursar o magistério.

Ao concluir a oitava série, tinha a certeza de uma menina de treze anos, que eu seria professora, cursaria Letras e faria mestrado e doutorado, mesmo sem saber exatamente o que isso significava, sabia que queria realizar a formação completa.

Todavia, não foi assim, ao concluir o terceiro ano, a única certeza que tinha era que não queria ser professora, tanto que nem realizei o estágio, hoje na maturidade dos meus 50 anos, quando penso sobre isso, entendo que na verdade existia um medo naquela adolescente de dezesseis anos, o medo de fracassar ao se lançar diante de uma sala de crianças a serem alfabetizadas.

Meus pais, na sua simplicidade aceitaram, até porque eu seguiria estudando. Já a escola, aceitou muito rapidamente, faltou acolher o medo, talvez um esforço a mais num exercício de empatia teria levado a menina a concluir aquele ciclo, não houve o encerramento, uma pena, poderia ter se estabelecido uma relação de maior afetividade. Entendo que a afetividade, o querer bem, são essenciais ao professor, como afirma Paulo Freire:

Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa essa abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. (FREIRE, 2019, p.138).

Trabalhei como balconista de farmácia, de 1984 a 1986, trabalhando no contraturno do Colégio São Carlos e aos finais de semana para pagar meus estudos, não era o que eu queria para o meu futuro, mas eu me esforçava para ser a melhor balconista enquanto estivesse ali.

Depois de três anos, em 1986, ao finalizar o Magistério no Colégio São Carlos, ingressei em um banco privado, o Bradesco, onde permaneci até os vinte e um anos, chegando a chefe de setor. Sempre gostei muito de atender ao público, foi uma ótima fase, mesmo que estressante, pois o país vivia a hiperinflação e os diversos planos econômicos, de cortes de zeros da moeda a congelamento da poupança.

Pedi demissão em 1991, porque na época o banco não valorizava o estudo, e esse era meu maior objetivo. Posteriormente a minha demissão no banco, iniciei como estagiária, ainda em 1991, numa multinacional, a Xerox do Brasil, onde fui efetivada um ano mais tarde, porém a empresa se mudou para Porto Alegre e novamente optei por deixar o emprego, priorizando a conclusão dos meus estudos.

Em 1987 ingressei na Universidade de Caxias do Sul (UCS), no Rio Grande do Sul, instituição privada e comunitária, no curso de Ciência da Computação. Dois anos mais tarde, em 1989, troquei para Administração de Empresas, graduando-me em 1994.

Foram anos de muito estudo e trabalho para pagar os estudos, sempre fui uma estudante que trabalhava para poder estudar, outra face da realidade da maior parte dos meus estudantes hoje, que são trabalhadores que estudam, especialmente os do curso superior e do PROEJA, com os quais me identifico, uma vez que não é fácil dedicar-se ao estudo quando se tem que lidar com o cansaço, resultante da jornada de trabalho.

Em 1993, busquei uma oportunidade para realizar o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em uma empresa de informática, a N&L Informática, onde fui efetivada. Nesta empresa tive a oportunidade de atuar na área de qualidade e, a partir da realização da Especialização em Marketing, passei também a gestora de marketing.

Iniciei meu primeiro curso de Especialização, Administração de Marketing, também na UCS, ainda em 1994 e foi lá que conheci a professora que mais marcou a minha vida, Ivonne Assunta Cortelletti, na disciplina de Metodologia do Ensino Superior, esta obrigatória nos cursos de Especialização da UCS na época. Pouco me lembro do conteúdo da disciplina, mas jamais esquecerei o encantamento que me provocou aquela professora: um encanto decorrente da percepção de como é ser aluno de quem ama ser professor, sempre tive bons professores, mas ela é foi especial.

Ao término da disciplina ela me disse “Maria de Fátima: o que tu estás fazendo na empresa? Teu lugar é no magistério!” Na época achei engraçado, eu não cogitava tornar-me professora, apesar de ministrar alguns treinamentos, mais como uma necessidade decorrente das minhas tarefas profissionais, mal sabia eu que quatro anos depois, em 1999, eu voltaria para lá, justamente como professora na escola de ensino médio e técnico da Universidade de Caxias do Sul.

Neste ponto do meu relato, faz sentido o que afirmam Tardif e Raymond (2000, p. 216): “[...] uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos”.

Em março de 1999, a partir da indicação de um amigo, passei por uma seleção e iniciei no Centro Tecnológico da Universidade de Caxias do Sul (CETEC/UCS), como docente nos cursos Técnico em Administração e Técnico em Informática, nas disciplinas de Administração, depois como coordenadora administrativa, coordenadora do curso Técnico em Administração e dos estágios deste curso. Aprendi muito com os adolescentes, adoro trabalhar com eles até hoje. Com a diretora da escola, aprendi a confiar e acreditar neles, a revisitar a minha própria adolescência, para poder exercitar a empatia com os meus alunos.

Neste percurso, descobri logo que os adolescentes não fazem os “pactos de mediocridade” típicos dos adultos, eles são espontâneos, verdadeiros, também egocêntricos e por vezes sarcásticos, testando os nossos limites para construir os seus. Foram quatro anos em sala de aula e na coordenação do curso Técnico em Administração, e quinze anos, como coordenadora administrativa do CETEC/UCS, tempo que me fez crescer como professora e como administradora.

No mesmo ano que ingressei como docente no CETEC/UCS, em 1999, iniciei o mestrado em Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), também foi o ano que casei. Concluí o mestrado em 2002 e no ano seguinte realizei o concurso para docência do ensino superior na Universidade de Caxias do Sul. Na banca avaliadora deste concurso, a docente da área de educação era justamente a professora Ivonne Assunta Cortelletti. Ao final da banca, ela me disse: “Maria de Fátima, fiquei muito feliz em te ver aqui, independente do resultado do concurso, lembre sempre: a gente não nasce professor, a gente se faz professor a cada aula”.

E então iniciou a minha carreira na docência do ensino superior, nos cursos da área de gestão, a maior parte dos meus estudantes era trabalhadores que estudavam, e eu aprendi

muito com eles. Durante todo o tempo em que trabalhei na UCS, sempre exerci, além da docência, atividades de gestão, o que me manteve na prática da minha formação em Administração e contribuiu com as minhas aulas. Foram muitas turmas nas disciplinas de fundamentos de administração, marketing e serviços, mais de cem orientandos que apresentaram seus trabalhos de conclusão de curso, em banca e mais de duzentas participações como avaliadora de orientandos dos demais professores.

A UCS faz parte da minha história, lá fiz minha formação superior, primeira especialização e o mestrado (interinstitucional entre UCS e UFRGS), lá me tornei professora, a cada aula, a cada estudante que chegou a mim. De 2014 a 2016, realizei a Especialização em Dinâmica dos Grupos, pela Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos e Faculdade Monteiro Lobato (SBDG/FATO), ambas no Rio Grande do Sul, com o objetivo de conhecer melhor cada turma de alunos e aprimorar a condução das minhas aulas.

Este curso, que ocorre sob a metodologia de laboratório de sensibilidade, me fez ter um novo olhar sobre as minhas turmas, sobre a dinâmica que cada uma constrói, foi uma formação muito proveitosa. Também era na UCS que estava quando me tornei mãe e foi lá também que meu filho iniciou a sua trajetória escolar, no berçário da Escola de Educação Infantil da universidade.

Mas todo ciclo tem seu tempo e, em 2018, depois de 34 anos de atuação profissional na área privada de comércio e serviços, dezoito dos quais na UCS, decidi encerrar esse ciclo e assumir no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), instituição para a qual havia prestado concurso público para docente do Ensino Básico Técnico e Tecnológico em 2016, sendo nomeada para o Campus Caxias do Sul no dia 26 de janeiro de 2018.

Ser servidora pública é um desafio, fui muito bem acolhida, tanto por colegas, quanto por estudantes. Eu gosto deles e gosto de dar aulas, mas a área pública é muito diferente da privada, o perfil dos meus estudantes é outro e o tempo para operacionalização e gestão dos processos também.

Em 2018, no meu primeiro ano no IFRS, eu ministrava aulas no Ensino Médio Integrado, no período diurno, nos cursos superiores de Tecnologia em Processos Gerencial e Engenharia de Produção, e no Técnico em Administração - PROEJA, à noite. Eu nunca havia trabalhado com a Educação de Jovens e Adultos, eu adorei, desde o início me identifiquei com as turmas, procurando me colocar no lugar dos estudantes, conhecer suas histórias, suas trajetórias, suas expectativas.

No segundo semestre de 2018, assumi a coordenação do curso Técnico em Administração (PROEJA), um novo desafio, percebi logo no início, que havia uma certa resistência de alguns docentes em atuar na EJA, como se fosse um demérito, como se fosse um curso de “segunda linha”.

Entendi também que, o discurso de alguns professores era na verdade uma forma de disfarçar a insegurança em trabalhar com um público que não conheciam, que não passou por uma “seleção”, por prova, como acontece nos demais cursos, uma insegurança diante do desconhecido.

Todavia, eu também me sentia insegura, reconheci e resolvi buscar o conhecimento adequado para trabalhar na Educação de Jovens e Adultos. Como eu cursava a Especialização em Docência do Ensino Técnico, ao me inscrever na Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA, decidi pelo eixo de gestão, o que me auxiliaria na função de coordenadora de curso.

Minha formação e a experiência na EJA/PROEJA

Minha trajetória profissional na EJA/PROEJA iniciou em fevereiro de 2018, mesmo ano em que ingressei no IFRS – Campus Caxias do Sul. Docente dos componentes curriculares Empreendedorismo (1º ano), Gestão de Pessoas (2º ano) e Aspectos Legais da Administração (3º ano) no curso Técnico em Administração. Meu colega professor Fernando dos Anjos havia me alertado: “Vai com calma, com muita calma, o ritmo precisa ser diferente, os alunos estão há muito tempo longe da escola”, foi o que tentei fazer, ir com calma, conhecer os estudantes, suas histórias, suas expectativas, suas dificuldades.

Mas foi somente no segundo semestre de 2019, já cursando o Módulo I do curso (Anexo A), nas disciplinas de Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada a Educação Profissional Presencial e à Distância, e Fundamentos da Educação Profissional integrada à EJA, que pude compreender a história da EJA e da Educação Profissional. Tais estudos foram fundamentais para entender como chegamos à situação atual, além de me proporcionar subsídios para o planejamento das minhas aulas.

Destaco em especial a análise de Machado (2013), acerca do histórico de uma educação compensatória tradicionalmente oferecida aos jovens e adultos. Como afirmam

Baracho e Nobile (2019, p. 49), historicamente a EJA passou do foco da alfabetização para a formação profissional prática, mas sempre na “[...] ideia de ensinar o básico, gastando o mínimo, na perspectiva de atender às demandas do mercado globalizado.”

Foi um choque de realidade, eu não estava preparada para as lacunas que muitos dos estudantes traziam do ensino fundamental, mas, principalmente, não estava preparada para não saber como lidar com elas. Levei um tempo até entender que precisava deixar de lado o conteúdo “a vencer” para descobrir o que era, de fato, fundamental aos meus estudantes. Fui muito bem recebida pelos alunos, a sala de aula sempre me traz desafios e, logo de início me identifiquei com eles.

Para fazer da sala de aula um lugar realmente significativo, sempre tive primeiro que conhecer os estudantes, o motivo que os trouxe até ali, suas expectativas, se trabalham, onde trabalham, o que fazem, o que querem para o futuro. Somente após conhecê-los é que consigo estabelecer meu planejamento de aula, porque assim ela se torna real. Essa prática vai ao encontro do que recomendam Baracho e Nobile (2019) sobre a formação de professores, de que é necessário ao professor se apropriar do conhecimento, das condições objetivas e subjetivas dos seus alunos em relação ao trabalho, além de problemáticas de gênero, diversidade sexual e questões étnico-raciais.

Com o desenrolar do ano letivo, fui sentindo falta de mais subsídios, de mais recursos para planejar as minhas aulas e para alcançar os objetivos com os meus estudantes. Eu fui gostando cada vez mais de trabalhar no PROEJA, me identificando com a trajetória dos alunos e, ao mesmo tempo, sentindo falta de maior conhecimento sobre como trabalhar com essa realidade.

E foi por isso que decidi me inscrever neste curso: por meus estudantes, para ser uma professora melhor e fazer, de fato, a diferença na sua vida, mas também por mim, pelo prazer de estudar e aprender sobre algo novo, algo que me desafiava: além da docência, a coordenação de curso. Foi uma decisão ousada, uma vez que eu já cursava a Especialização em Docência do Ensino Técnico, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) em São Paulo, e teria que cursar ambos os cursos concomitantemente.

Ainda no Módulo I, destaco o primoroso material das disciplinas de Produção de Textos Científicos e Noções de Didática, que me geraram um desconforto significativo, à medida que analisava a minha prática docente e a necessidade de aprimorar a produção de textos e as metodologias adotadas nas minhas aulas. Além das aulas expositivas dialogadas,

foi possível exercitar estudos de caso, construção coletiva de textos, sala de aula invertida, projetos de empreendedorismo, entre outros.

Em setembro de 2018 passei a ser a coordenadora do curso Técnico em Administração – modalidade PROEJA, a escolha da coordenação de curso é realizada por votação de estudantes e servidores, em professores que se candidatam. No entanto, não houve candidatos inscritos para a coordenação do PROEJA naquele ano, o que nos permite refletir sobre uma possível resistência a modalidade do curso, Programa de Educação de Jovens e Adultos.

Relacionado a isso, Shiroma e Lima Filho (2011) destacam que a tradição das antigas escolas técnicas, de oferta de ensino técnico aos filhos da classe trabalhadora, foi ampliada para cursos superiores de tecnologia, licenciaturas e pós-graduação. Além disso, a procura pela qualidade do ensino no sistema federal gerou uma elitização, onde: “Qual o reconhecimento atribuído ao professor que trabalha com jovens e adultos nas instituições que se abrem para a pesquisa e a pós-graduação?” (SHIROMA; LIMA FILHO, 2011, p. 735-736).

Eu não me candidatei por dois motivos: primeiro, porque entendi que era muito cedo, já que fazia poucos meses que ingressará no IFRS como docente do curso, segundo, porque minha mãe estava doente e necessitava de cuidados. Mas, depois de uma reunião da direção geral do Campus com os professores da área de Ciências Sociais Aplicadas, fui escolhida como coordenadora de curso. Esta função trouxe mais demandas, mais responsabilidades e uma necessidade maior de me qualificar, aumentando minha expectativa em relação ao curso.

Estar na coordenação de um curso exige interlocução com colegas e gestão da escola, capacidade de negociação e resolução de conflitos, humildade para reconhecer o que não sabemos e generosidade para compartilhar (BEZERRA, 2019).

Estar na coordenação do PROEJA, exige mais: o coordenador é um mediador entre gestão, professores, estudantes e comunidade. Os estudos realizados nas disciplinas dos Módulos II e IV foram especialmente relevantes para a consciência da minha atuação como coordenadora, uma vez que no PROEJA, o papel de coordenador é semelhante ao do coordenador pedagógico. Na coordenação do curso é preciso mediar as relações interpessoais, com base no diálogo, respeito, ética e solidariedade.

Além disso, as funções ligadas à construção e realização do Projeto Pedagógico do Curso, e articulação de seus diferentes atores, com a gestão democrática como princípio. A partir dessas disciplinas, passei a dialogar mais com os colegas e com a direção de ensino, o

que se revelou muito produtivo, além de satisfatório, porque impacta também na relação de empatia e confiança que cada professor estabelece com os estudantes.

Em 2019 realizamos a revisão e reformulação do Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Administração, o que envolveu a condução de um grupo de trabalho, discussões com núcleos de áreas, com a direção de ensino e seus diversos setores, apreciação do colegiado de curso e estudantes. Como o prazo foi curto para a conclusão da revisão do referido PPC, certamente há espaço para melhorias, mas foi possível iniciar a implementação em 2020, com os ingressantes no 1º ano.

A disciplina de Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos, no Módulo II, foi uma grata surpresa, pois foi a minha primeira incursão sobre o tema, já no início foi possível identificar os muitos equívocos que cometemos ao analisar o modo de falar dos nossos estudantes da EJA como errada, tentando impor a norma-padrão e, por vezes, contribuindo para um sentimento de impotência dos alunos.

A citada disciplina me provocou uma mudança de conduta, a partir da consciência da importância do letramento em todos os componentes curriculares e não apenas nas disciplinas de Língua Portuguesa. Mais do que isso, da responsabilidade que temos todos no sentido de “[...] garantir aos alunos o acesso à norma-padrão, mas respeitando o modo de falar deles, para não haver discriminação pela língua, a qual se configura como uma forma de violência simbólica” (MARQUES, 2019a, p.23).

Todavia, ficou claro para mim o quanto a diversidade linguística presente nas turmas da EJA sofre o preconceito linguístico, dos professores inclusive, favorecendo a exclusão, a discriminação e se traduzindo em violência simbólica. Meu olhar se tornou bem mais atento ao letramento, que antes eu entendia como sinônimo de alfabetizar, compreendi que letrar é mais do que alfabetizar, como destaca Marques (2019b, p.26) “[...] é importante compreender que a alfabetização por si só não garante a formação de sujeitos letrados”.

O letramento permite ao indivíduo utilizar a leitura e escrita nas práticas sociais, leva ao empoderamento, à medida que ultrapassa os muros da escola, chegando à vivência da cidadania. É inegável o papel da escola nessa conquista de autonomia, da autoconfiança, de consciência crítica, para a transformação da realidade.

O Módulo III, com os estudos direcionados para o EAD no PROEJA, suscitou muitas dúvidas e desconforto. Diante das dificuldades de acesso as tecnologias, considero o EAD um dos grandes desafios relacionados ao Programa de Educação de Jovens e Adultos. Em plena situação de pandemia, quando contamos com mais de cem dias de suspensão de atividades

letivas, um diagnóstico realizado nos mostrou que 71,3% dos estudantes não possui computador, 34,8% dos que têm acesso a internet possuem apenas pacote de dados e 71% avaliam sua conexão como regular, ruim e péssima (IFRS, 2020).

Além disso, pesquisa realizada pelas entidades estudantis, como Grêmios e Diretórios Acadêmicos, identificou que 51,5% dos respondentes não gostaria de ter aulas EAD, onde a participação dos estudantes do PROEJA nesta pesquisa foi baixa, apenas 15%, e estima-se que o percentual de rejeição ao EAD seria ainda maior para esses estudantes (IFRS-GE, 2020).

Além da dificuldade de acesso e aceitação por parte dos estudantes, pesquisa com os docentes mostrou que 47,3% dos docentes avaliam o seu domínio de ferramentas digitais para ministrar componentes de forma remota como regular, ruim ou péssimo, e no que tange à capacitação, 37,5% dos docentes informaram que nunca realizaram capacitação para docência em Educação a Distância (IFRS, 2020). Diante desses dados, considero que o EAD no PROEJA é uma realidade ainda distante em nosso campus, soma-se a isso o fato de que os professores ainda resistem a essa modalidade.

Necessário destacar a relevância dos Seminários Temáticos, para uma análise crítica das políticas públicas para a EJA, das perspectivas para a integração da Educação Profissional e da EJA, do uso das Tecnologias Virtuais para Comunicação.

Considerações finais

O curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA me possibilitou uma nova visão acerca da organização dos estudos em ambiente virtual, pela instituição, pelo professor e pelo estudante. Foi possível vivenciar, a cada disciplina, diferentes formas e acessos para um estudo mediado pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. A organização dos itinerários de estudos, dos vídeos, livros digitais e dos objetos de aprendizagem permitiram visualizar claramente como deve ser organizado um currículo EAD, o suporte dos professores formadores e tutores foi fundamental durante todo o percurso formativo, não tive necessidade de acessar pessoalmente as instalações do Pólo Restinga, o que inviabiliza uma avaliação acerca desse recurso.

No que tange ao método proposto para o Trabalho de Conclusão do Curso, o Memorial de Formação, significou um desafio, por ser a minha primeira experiência na construção desse tipo de documento.

O desafio iniciou com a análise da minha trajetória de vida, meu perfil autobiográfico., revisitar o passado e analisá-lo a partir de uma perspectiva de influências sobre a minha formação profissional e acadêmica, e na minha atuação docente, foi algo inédito, que se revelou muito gratificante e me fez ver a minha atuação como docente e gestora sob outra perspectiva.

Também foi revelador, à medida que pude descobrir relações entre a minha trajetória e a trajetória dos meus estudantes da EJA, do porquê me identifico, me mobilizo e me realizo atuando no Programa de Educação de Jovens e Adultos. Olhei para trás e gostei do que o passado me revelou, olho para o presente e identifico meus acertos e minhas carências, olho para o futuro e vislumbro muitas possibilidades para a gestão de uma educação profissional e de jovens e adultos, de fato integrada, visando a uma formação cidadã.

Analisando meus objetivos como docente e como gestora, os considero plenamente alcançados, a cada disciplina cursada pude aprimorar meu olhar sobre a realidade dos estudantes da EJA, num processo de ressignificação, escolhendo novas metodologias para uma aprendizagem significativa. Além disso, na função de coordenadora, a partir do curso, tornou-se mais fácil e natural conversar com os professores sobre o processo educativo dos jovens e adultos, contribuindo para uma análise mais aprofundada, valorizando o estudante que chega, a receita de saberes que traz consigo, o peso de uma trajetória de exclusão. O curso me permitiu ainda, suprir as lacunas identificadas, gerando maior confiança na condução dos processos relacionados ao curso e no meu papel de mediadora das relações interpessoais.

Ainda com relação ao curso Técnico de Administração - PROEJA, em 2019 fizemos uma revisão do Projeto Pedagógico do Curso, cuja implementação iniciou em 2020 para os ingressantes no 1^a ano.

Durante todo o processo, pude perceber a influência dos estudos realizados nesta Especialização, tanto na condução do Grupo de Trabalho, na discussão e negociação com as áreas, na apreciação do Colegiado de curso e dos estudantes. Deixei a coordenação do curso em fevereiro de 2020, para assumir a coordenação de extensão e, com certeza, o processo de transferência para o novo coordenador se deu de forma mais segura e tranquila, além disso, tenho a convicção de que serei uma boa aliada na realização do projeto do curso que ainda tem um longo e árduo caminho a trilhar.

Preciso destacar ainda que ter realizado o curso me fez ter certeza de que quero continuar o trabalho na EJA, que me encanta cada vez mais, uma vez que são muitas as carências, mas também muitas as possibilidades. Se, por um lado, o curso atendeu e superou as minhas expectativas, por outro, aumentou muito as minhas expectativas com relação ao futuro e à minha prática pedagógica.

Hoje compreendo a minha contribuição na construção das relações interpessoais saudáveis, minhas responsabilidades na formação de jovens e adultos, técnicos competentes, mas principalmente, de cidadãos conscientes e aptos a transformar a sua realidade e a de quem com eles convivem.

Referências

BARACHO, M.; NÓBILE, V. C. Fundamentos da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Unidade I. **Retrospectiva histórica da Educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica a partir da década de 1940**. 2019. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5609>. Acesso em: 13 jul. 2020.

BEZERRA, Eneide da Conceição. **Coordenação do trabalho pedagógico na educação profissional integrada à educação de jovens e adultos. Unidade IV. A Coordenação Pedagógica e a Mediação das Relações Interpessoais na escola**. 2019. Disponível em: https://adobeindd.com/view/publications/f687f7ab-85de-4832-91e4-ac0f38c5898b/1/publication-web-resources/pdf/ModII_Coord_Trab_Ped_Unid_IV.pdf. Acesso em: 13 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. **Projeto pedagógico do curso de especialização em práticas assertivas em didática e gestão da educação profissional integrada à educação de jovens e adultos na modalidade a distância (Pós- Graduação Lato Sensu)**. Natal: IFRN, 2018. Disponível em https://ead.ifrn.edu.br/portal/wp-content/uploads/2018/09/PPC_especializa%C3%A7%C3%A3o_27-09-2018_RL_V3.pdf. Acesso em: 27 jun. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. 58.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – GRÊMIO ESTUDANTIL – IFRS-GE, Campus Caxias do Sul. **Resultado do formulário de recuperação do calendário acadêmico aplicado aos discentes do IFRS**. Período de aplicação: 20 a 24 de junho de 2020.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – IFRS, Campus Caxias do Sul. Diagnóstico do Campus Caxias do Sul – **Recuperação do Calendário Acadêmico**. Publicado em 03 de junho de 2020. Disponível em <https://ifrs.edu.br/caxias/wp-content/uploads/sites/8/2020/06/RESULTADO-DIAGN%C3%93STICO-CAMPUS-CAXIAS-.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MACHADO, M. M. PROEJA: da compensação à formação humana integral. **II Colóquio Nacional 2013**. Vídeo. Disponível em <https://youtu.be/L4AnT0sFycA>. Acesso em: 30 Jun 2020.

MARQUES, I. B. A.S. **Práticas de letramento na educação de jovens e adultos**. Unidade I - Concepção de Linguagem e Práticas de letramento na Educação de Jovens e Adultos. 2019a. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5652#section-2>. Acesso em: 13 Jul 2020.

MARQUES, I. B. A. S. Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos. Unidade III. **Fundamentos teóricos e epistemológicos para o trabalho com as práticas de letramento na educação de jovens e adultos**. 2019b. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=5652#section-4>. Acesso em: 13 de Jul de 2020.

PASSEGGI, M. C. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, D.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2010. CD-ROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/?pg=dicionario-verbetes&id=118>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SHIROMA, E. O.; LIMA FILHO, D. L. Trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica e no PROEJA. **Educação & sociedade**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 725-743, Setembro. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302011000300007>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SOUZA, E. M. F.; DOURADO, L. S. Memorial de formação como gênero do discurso: produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada. Macabéa – **Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 37-56, jul.-dez. 2014. Disponível em <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/viewFile/795/728>. Acesso em: 14 jun. 2020.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244. Dezembro. 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.